



4. A Descoberta da América e a Produção/Difusão do Conhecimento Geográfico: O Olhar sobre as Crônicas das Índias

Pamela Marcia Ferreira Dionisio^I

Wallace Marcelino da Silva^{II}

O artigo visa discutir os “embriões” geográficos existentes no que foi produzido na época do descobrimento da América, a partir do enfoque sobre os relatos de viagens: as denominadas crônicas sobre as Índias. Desta forma, procurar-se-á, ainda, delinear o pensamento da época e contextualizá-lo historicamente para que se alcancem os precedentes que possibilitaram o nascimento da geografia no descobrimento da América.

Palavras-chave: Descoberta da América, Crônicas das Índias, Precedentes da ciência geográfica.

The article aims to discuss the "embryos" in existing geographic which was produced at the time of the discovery of America, from the focus on the travel narratives: essays on the so-called Indies. Thus, efforts will also outline the thinking of the time and historically contextualize it for achieving the precedents that enabled the birth of geography in the discovery of America.

Key-words: Discovery of America, So-called Indies, Geographical science's precedents.

Introdução

A descoberta da América teve um papel crucial para a geografia por descortinar um mundo totalmente desconhecido, aumentando substancialmente a área de terras, ou melhor, partes do globo que até então somente constituíam-se de histórias utópicas de viajantes ou exploradores incautos.

A geógrafa Sandra Lencioni exprime bem o que a época do descobrimento representou para a Geografia neste trecho de seu livro “Região e Geografia”: “A valorização, recuperação e



atualização do conhecimento geográfico foram decorrência dessa nova época, fundada em trocas mercantis".^{III}

Durante o trabalho, ficou claro o impacto da descoberta sobre o pensamento da época e a existência de elementos geográficos, principalmente nas produções acerca do tema, como os diários de viagens, mapas, cartas, crônicas e outros tipos de registros, que consubstanciavam no papel as novas idéias que brotavam na mente das personagens que a vivenciaram, ou simplesmente que tinham ouvido falar.

Houve, porém a cautela de notar o quão cheio de superstições e religiosidade estavam estes relatos verbais e não-verbais, representando fortes reminiscências de um ainda recente passado medievo. Misturado ainda estavam o ideário da antiguidade com a influência de todas as suas figuras proeminentes, que voltavam a ser valorizados veementemente e serviram de base para a produção da época, face ao período histórico da renascença.

Esta miscelânea de valores Juan Maestre Alfonso reitera alguns:

“Con el descubrimiento de unas tierras, [...] se inicia un processo no sólo de generación de nuevas ideas, sino de dismantelamiento de creencias errôneas. [...] No es menos evidente que continuaban arraigadas en las mentes de los círculos pensantes uma serie de supercherías que venian a ser algo más que una extravagancia intelectual o el fruto de alguna creencia popular, para tener el carácter de aquellos argumentos tan usuales em la historia del pensamiento y que sirven para justificar o explicar lo que el conocimiento científico no es capaz de justificar o explicar”.^{IV}

Apesar da existência de diversos apontamentos das terras americanas, o artigo ater-se-á a um gênero específico dos relatos de viagens: as chamadas crônicas sobre as Índias, pelo fato de apresentarem material com certa verossimilhança e ciência, se comparado a outros da época. Antes da análise deste gênero, ocorrerá a contextualização histórica do pensamento geográfico e da Era dos Descobrimentos, fornecendo os antecedentes que propiciaram o nascimento da geografia no descobrimento da América.

Breve histórico das origens do pensamento geográfico



A atividade geográfica nasce com a própria natureza humana. Esta atividade se responsabiliza por um dos fundamentos mais necessários ao ser humano: a posse de conhecimentos para se localizar e localizar ocorrências, objetos ou lugares em seu entorno. Os primeiros mapas, e, por conseguinte, os primeiros modelos de geografia aplicada, são elaborados pelos homens primitivos a partir do momento que estes desenham em suas moradas a provável localização da caça ou de uma fonte de água, por exemplo.

O saber geográfico intuitivo desenvolvido pelos homens primitivos não satisfaz as atividades que dependem da geografia, por isso ocorreu uma evolução da mesma, que precisava ser estruturada, auxiliada e estimulada. Sendo assim a geografia sofreu uma evolução perpassando pela Antiguidade até o século XIX, quando se institucionalizou como ciência. Tendo em vista que nosso trabalho é focado no período das grandes descobertas, que apresenta uma produção que se “embebeda” nos saberes da Antiguidade, urge a necessidade de mencionar alguns personagens/pensadores da época. A geografia é expandida na Antiguidade Clássica quando os gregos realizam sua diáspora às margens do Mediterrâneo. Além de inventarem a palavra ‘Geografia’, foram pioneiros em investigações mais precisas sobre lugares e fenômenos terrestres, tentando explicar as causas dos mesmos. Podemos citar neste caso as famosas Topografias Gregas. Vale destacar também as célebres expedições alexandrinas que igualmente não possuíam caráter somente expansionista.

Neste contexto, surgem nomes-chave para a ciência geográfica como Heródoto que foi pai da História e da Geografia, ao pôr acontecimentos históricos dentro de um contexto geográfico; e Eratóstenes, que por possuir conhecimento de geometria fez cálculos precisos sobre a circunferência terrestre, além de criar as linhas de latitude e longitude dando assim, a localização de diversos pontos da paisagem terrestre como mares, relevos, montanhas dentre outras topografias, fazendo nascer o primeiro mapa de que se tem notícia da época.

Estes pensadores disseminaram antigos documentos geográficos chamados périplos, que eram mapas ou descrições de itinerários, mas ainda sem escalas. Livros Históricos como “Ilíada” e “Odisséia” de Homero, inspiraram-se nestes périplos.

Mais tarde, durante o Império Romano, surgiram importantes compiladores dos conhecimentos geográficos gregos. Como romano pode-se citar Plínio, mais conhecido por ‘O



Velho', que foi grande cosmógrafo e conhecedor de diversas ciências naturais, mas que tinha interesse exclusivo na expansão do Império; sua obra clássica é “História Natural”.

Outro Brilhante pensador foi Estrabão, que elaborou uma Geografia como descrição enciclopédica do mundo até então conhecido em sua obra “Geografia”. Porém o pensador pilar para entendermos mais à frente o que ocorreu na Era dos Descobrimentos foi Ptolomeu, que se interessava pelos aspectos matemáticos do preparo de mapas e descrição de plantas. Ele fez uma síntese do conhecimento grego, separando Cosmografia de Geografia e Corografia, embora se equivocando nos cálculos da circunferência feitos por Posidônio, em vez de ter seguido Eratóstenes.

Ptolomeu elaborou um grande vocabulário de nomes de lugares dando a localização em latitude e longitude (termos inventados por ele) e a imagem de mundo mais completa até então (Imago Mundi). Sua obra clássica é “Almagesto”, que é a tradução feita pelos árabes. As idéias ptolomaicas tornam-se verdades absolutas no final do Império Romano adentrando a Idade Média, como regras incontestáveis junto ao poder da Igreja Romana. Durante o Império Romano, os sábios gregos continuam a escrever em sua língua-mãe sendo difícil separar as contribuições gregas e romanas à ciência geográfica.

Na Idade Média, a chamada pelos cientistas dark age, o conhecimento geográfico era acima de tudo descritivo. Vide as expedições de viajantes como Marco Pólo e Ibn Batutah, além das expansões feitas pelos nórdicos, árabes e as Cruzadas. Se por um lado foi um período em que se aumentou o número de áreas ecúmenas, por outro sofreu graves discontinuidades, em função das notórias conturbações advindas de inúmeros conflitos, com quedas de impérios e poder dogmático da Igreja.

As mudanças que deram origem ao nascimento da ciência moderna foram mais aparentes durante o renascimento, que se caracterizou por uma época de transição, onde se tentava libertar dos grilhões medievos, buscando revalorizar os elementos greco-romanos, quando, concomitantemente, ocorriam importantes descobertas, aumentando substancialmente o mundo e, obviamente, influenciando o pensamento da época. Sendo assim novas formas de se produzir conhecimento surgiram como resultado deste mix de pensamentos e informações.

Antecedentes e contexto histórico do descobrimento



O descobrimento da América fez desabar uma idéia antiga de que, grosso modo, o mundo era constituído apenas por um bloco tri continental composto pela Ásia, África, Europa e cercado por um enorme oceano. Com o conhecimento do Novo Mundo dá-se uma total dessacralização da representação cosmográfica conhecida até então, e que se acentuará com o conhecimento progressivo do continente americano. Fatores de natureza diversa contribuíram para que o mundo conhecido até então se tornasse maior. Sendo assim expansões políticas, militares, comerciais e religiosas estavam em jogo.

As desastrosas cruzadas e a islamização da Ásia Central fecharam praticamente todas as rotas e lugares possíveis para o comércio das especiarias, fazendo a ascendente burguesia da época a procurar novas rotas para chegarem às Índias. Os conhecimentos náuticos e cartográficos dos genoveses, que posteriormente influenciaram os portugueses e o advento de novos instrumentos como a bússola e o astrolábio, possibilitaram um ambiente propício às grandes navegações. Foi a união da necessidade econômica à evolução tecnológica.

Não menos importante foi o aspecto cultural desta chamada de Era dos Descobrimentos, que se constituiu de um período que abarcou desde o século XV até o início do século XVII. A propagação da fé e dogmas religiosos era um discurso profanado insistentemente por quem estava envolvido neste mundo das Grandes Navegações.

Dentre os mais famosos exploradores deste período, destacam-se Cristóvão Colombo (pela descoberta da América), Vasco da Gama (do caminho marítimo para a Índia), Pedro Álvares Cabral (do Brasil), John Cabot, Yermak, Juan Ponce de León, Fernão de Magalhães, Willem Barents, Abel Tasman, e Willem Jansz. Apesar da importância de todos os desbravadores supracitados, nos limitaremos a abordar Cristóvão Colombo, por ser o personagem relacionado ao nosso tema central: a descoberta da América.

Segundo a história oficial, Cristóvão Colombo nasceu na Itália, por volta do ano 1451. Marinheiro desde sua infância ele transformou-se em um cartógrafo brilhante. Na época em que os portugueses buscavam encontrar, através das grandes navegações, a rota às Índias, seguindo pelo extremo-sul da África, Colombo estava certo de que existia um percurso mais curto em direção ao ocidente; contudo, precisaria de apoio para provar a sua teoria.



Teoria esta que foi baseada e/ou estimulada por conhecimentos de Ptolomeu, Plínio, Plutarco, Pierre d'Ailly, Pio II, Josefo, São Gerônimo, Marco Polo, dentre outros (Gil,1987). Infelizmente, certas informações provenientes destes pensadores estavam equivocadas, como os cálculos ptolomaicos à respeito da circunferência terrestre, que foi subestimada, e da superfície euroasiática, que foi superestimada (LOIS, 2004).

Em busca de um patrocinador para a sua idéia, viu-se afastado por D. João II, cujos peritos consideravam a idéia insensata, e que estava interessado na via marítima após a dobragem do Cabo da Boa Esperança em 1488 por Bartolomeu Dias. Após seis anos em busca de apoio, ele finalmente o encontrou no Rei Fernando e na Rainha Isabel, da Espanha. Partiu para o mar, em 1492, em uma singela embarcação de 100 toneladas, esta, continha 52 homens. A Santa Maria era seguida por duas outras embarcações ainda menores do que ela: uma de 50 toneladas e outra de 40 toneladas. Apesar da dificuldade da viagem, Colombo conseguiu abarcar na América, pensando ter chegado às Índias.

A produção de conhecimento sobre a América

A produção de conhecimento do século XVI teve como temas centrais o descobrimento e a conquista dos territórios do novo continente; e o choque entre as culturas espanhola e indígena, temas que gerariam inúmeros mapas, cartas, crônicas, histórias e epopéias poéticas, sendo muitas destas obras escritas e/ou esenhadas por autores nascidos na Espanha.

As primeiras notícias em língua espanhola sobre as Américas foram escritas pelo próprio Cristóvão Colombo que, nas Cartas do descobrimento_dirigidas aos reis católicos, Fernando e Isabel_ e no seu Diário de viagens, deu rédea solta à fantasia que lhe provocava o assombro ante a visão de um mundo tão diferente do que conhecia. Esta imantação de maravilhamento nos relatos são oriundos da influência das leituras de Colombo sobre Marco Polo e Sir Jonh Mandeville, além é claro do impacto produzido pela nova descoberta.

Ainda sobre a descoberta, a cultura européia experimentou algo como “reflexo de susto” observável em crianças,no primitivo discurso do Novo Mundo:

“O maravilhoso é pois um traço central no complexo sistema de representação como um todo, [...] através do qual as pessoas da Idade Média tardia e da Renascença



apreendiam, e portanto possuíam ou descartavam, o não-familiar, o estranho, o terrível, o desejável e o odioso”.^v

A prisão ao passado de Colombo também é aparente em seus mapas feitos durante a viagem, onde fica claro elementos de mapas mundi medievais, enquanto que os mapas de Juan de la Cosa, que viveu a mesma experiência de viagem de Colombo, delineava os espaços desconhecidos que as experiência de navegação permitia buscar, o que demonstra ser este último um homem que olha para o futuro, fornecendo assim importantes contribuições à geografia (LOIS, 2004).

Voltando aos relatos de viagem, podemos citar Hernán Cortés falando sobre a conquista do México e suas chamadas “Cartas de Relación” aos reis espanhóis; e Álvaro Núñez Cabeza de Vaca falando sobre suas aventuras em naufrágios. Merecem ainda ser mencionados Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés e sobretudo frei Bernardino de Sahagún, a quem coube fornecer a maior parte das informações sobre a civilização asteca. Entre os cronistas do Peru salientou-se Pedro Cieza de León, enquanto autores como Gonzalo Jiménez de Quesada e Luis de Bolaños descreveram a conquista de outras regiões.

Em 1552, o frade dominicano Bartolomé de Las Casas escreveu a famosa Brevísima relación de la destrucción de las Indias, em que criticou os espanhóis pelos maus-tratos infligidos aos índios. Entre os cronistas de origem indígena ou mestiça, ocupou lugar especial Garcilaso de la Vega o Inca, que, em Comentarios reales que tratan del origen de los incas (1609-1617), obra de grande valor documental e literário, apresentou valiosa informação sobre o povo inca, com o qual cresceu, acentuando, sem ressentimentos, as trágicas consequências do choque com os espanhóis. Foram também excelentes cronistas Tito Cusi Yupanqui, de origem inca, e os mexicanos Hernando Alvarado Tezozómoc e Fernando Alva Ixtlilxóchitl, descendentes da nobreza asteca.

Vale destacar que os reis foram de suma importância na produção de todo este conhecimento por oficializarem profissões para os que escreviam sobre as novas terras, além de intimarem oficialmente as testemunhas das viagens para que discorressem a estes profissionais o que haviam vivenciado ou fornecerem registros de outros autores a estes profissionais. Já a difusão do mesmo foi essencialmente auxiliada a partir da invenção da imprensa por Johann Guttemberg, que realizou publicações de cartografia e de obras clássicas da ciência grega.



As crônicas e a geografia

Inúmeros cronistas, cartógrafos, mensageiros, dentre outros, escreveram, pintaram, desenharam ou narraram o que viram ou ouviram falar a respeito da América, e havia alguma geografia nestes registros, embora não houvesse um saber especializado na época. Ficava também evidente a quantidade de influências que recebiam o pensamento daquele período enfatizado por Stephen Greenblatt, em “Possessões Maravilhosas”:

“Toda cultura individual nacional européia de tempos da Idade Moderna, deixando de parte o todo fantasticamente complexo, apresentava tantas maneiras diferentes e conflitantes de ver e descrever o mundo que qualquer tentativa de postular um campo de percepção unificado revelar-se-á uma grosseira distorção”.^{VI}

No que tange à maior incidência de elementos geográficos, que chamaremos de “embriões” da geografia, as chamadas crônicas sobre as Índias ofereceram consubstancial contribuição com nomes proeminentes como Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, Francisco López de Gómara, , José Acosta, Cieza de León dentre outros que serão mencionados nas próximas linhas deste capítulo.

Estas crônicas eram feitas pelos cronistas, que eram nomeados pelo rei, onde baseavam-se no testemunho dos viajantes, do próprio autor _ que poderia ter vivenciado a situação_ e/ou por meio de documentos que fornecessem alguma informação acerca do Novo Mundo.

Este novo gênero foi caracterizado pela:

“[...]transformação do gênero historiográfico das crônicas medievais como resultado da utilização da obra de Plínio e do impacto pelo contato com a natureza e com os povos americanos”.^{VII}

Ademais, apresentavam um “desenvolvimento de um eixo de reflexão científica que leva a integrar e relacionar os fatos físicos e humanos”.^{VIII} Percebe-se que estas crônicas são o resultado de uma miscelânea de elementos medievais, antigos, renascentistas e do choque perante o que era novo.



Não podem ser consideradas puramente medievais pois apresentam relação entre o natural e humano, sendo característica da cultura romana e oposto da produção da Idade das Trevas que procurava separar estes dois elementos; não podem ser considerados puramente da Antiguidade, já que apesar desta época ter oferecido alguns modelos de sistematização, surgiram novas informações que colocaram por água abaixo algumas certezas dos antigos pensadores; não podem ser caracterizados puramente renascentistas pois seria contraditório renegar algum elemento de outras épocas, já que por definição caracteriza-se por um momento de transição; e ,finalmente não podem ser puramente novas, por tudo que foi dito anteriormente, já que a produção é resultado de idéias de mentes de seres históricos, que possuem arraigados em sua essência valores pré-existentes que serão manifestados, mesmo e principalmente numa situação de impacto de uma nova descoberta.

Não existem dúvidas de que estas obras foram importantes ao criarem uma nova forma de se descrever o Novo Mundo. Elas são, em sua maioria, intituladas pela expressão “História Natural”; demonstrando nitidamente o seu objetivo de relacionar os fatos sociais aos fatos naturais numa mesma obra (CAPEL,1996).

O primeiro cronista a ser nomeado foi Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, em 1532. Indo mais de quatro vezes ao Novo Mundo, reuniu informações necessárias para produzir sua “História General y Natural de las Índias”, cuja primeira parte foi impressa em 1535, somente editando-se completamente entre 1851 e 1855.

Frente às notícias ocasionais dos primeiros descobridores, viajantes e conquistadores, Oviedo aspira a oferecer uma imagem de conjunto da natureza americana. No Sumário de sua obra trás uma breve narração acerca da navegação ao Novo Mundo, tratando de Cuba, e outras ilhas do Caribe e da terra firme. Em cada um destes territórios, fala dos habitantes, e com maior amplitude, dos animais e vegetais, enquanto que os minerais, com a exceção do ouro, merecem escassa atenção.

Já no livro em si, ele muda a ordenação geográfica, baseando-se no modelo adotado pela enciclopédia de Plínio: falando primeiramente dos vegetais, subdivididos em vegetais cultivados, árvores frutíferas, árvores selvagens, árvores e plantas medicinais, ervas e sementes trazidas da Espanha e outras encontradas nas Índias; e, depois, dos animais terrestres, aquáticos, aéreos e insetos (CAPEL, 1996).

Além de Plínio, outros autores clássicos são citados e utilizados, como Columela, Teofrasto, Virgílio, Crescentino e Gabriel Afonso de Herrera, havendo a consciência de superar os antigos, caso o que fosse visto representasse algo contrário ao conhecimento dos primeiros; e a cautela de aceitar o que pudesse ser comprovado e descartar o que parecesse ser fabuloso (CAPEL,1996). Fica claro também nos capítulos de seus livros, a História na Geografia e a Geografia na História, ao relacionar magistralmente estes dois elementos de forma a produzir a melhor compreensão possível acerca do tema.

Vale destacar o viés maravilhoso na obra de Oviedo, principalmente quando escreveu, antes de ser nomeado cronista :“História Natural de las Índias” (1526), onde em seu Sumário, segundo a sua necessidade de sobrevivência, transforma em suas descrições as plantas e os animais em “comestíveis” ou “não-comestíveis”. É interessante observar que nas descrições de animais coexistem os fabulosos e os reais. Este fato aproxima a recopilación da “fauna” de Oviedo aos bestiários medievais.

Um importante “corretor de realidade”, termo ideado por Bakhtin para o gênero da prosa do cômico-sério perante a idealização do gênero épico, porém, se estabelece no plano discursivo. Trata-se precisamente desta característica do que é comestível ou não, e ainda mais: indica minuciosamente em cada um deles os modos de caçá-los e as melhores maneiras de cozinhá-los. Mas Oviedo só menciona em termos comestíveis os animais reais, daí que caberia perguntar em que medida o discurso de Oviedo está influenciado pelo maravilhoso, e logo observar se o registro do maravilhoso não seria apenas uma marca de gênero literário.

Francisco López de Gómara, ao contrário de Oviedo, nunca esteve na América, porém se tornou um importante cronista, escrevendo “Historia Geral de las Índias” e “Conquista do México”. Conseguiu as informações por meio de fontes secundárias como Hernán Cortés e outros expedicionários. Deve-se ressaltar sua perspicácia no momento de extrair as informações relevantes e sua eficiência no momento de transcrever para o papel, utilizando-se de uma sistematização erudita. Os textos apresentam dados geográficos, utilizando-se de coordenadas em graus e pés para que se localizasse o sítio das Índias.

Tendo objetivos religiosos, Frei José Acosta também relaciona o físico e o humano, assim como Oviedo, em sua obra “História Natural y Moral de las Índias”, que é composta por sete



livros. No terceiro capítulo de seu segundo livro, ele comprova que os antigos estavam errados ao dizerem que a Zona Tórrida era seca e inabitada:

“[...] porque la región media, que llaman tórrida, en realidad de verdad la habitan hombres [...] Era lo postrero que se propuso arriba, que la sequedad tanto es mayor, cuanto el sol está más cercano a la tierra. Esto parecia cosa llana y cierta; y no lo es, sino muy falsa, porque nunca hay mayores lluvias [...] que al tiempo que el sol anda encima muy cercano”.^{IX}

Desta forma, o autor modifica o paradigma até então aceito de que todo lugar que fosse quente seria seco e todo lugar que fosse frio seria úmido.

A religiosidade está presente em suas crônicas, quando não consegue explicar racionalmente o porquê de determinado fato da realidade: “Mas la templanza de esta región (...), se debe a la propiedad Del viento que em ella corre que es muy fresco y apacible. Fué providencia del gran Diós, criador de todo”.^X Ele associa o vento fresco a mais um fator que contribuiu para o clima agradável.

Cieza de León foi um cronista que resolveu relatar suas experiências como soldado, se atendo a um local específico com sua “Crônicas do Peru”. A obra é dividida em quatro livros, estando o primeiro dedicado ao clima, costumes e tradições indígenas; o segundo se dedica às façanhas do domínio inca; o terceiro narra a conquista, ainda que uma parte esteja perdida; e o quarto ficou incompleto. Pedro Cieza de León foi um excelente observador da etnografia inca, incorporando à sua crônica a Geografia ao relatar as terras que foram sendo conquistadas no Peru. Além de descrever as terras peruanas, fornece dados de latitude e longitude (CIEZA, 1984).

A incorporação do meio geográfico ocorre também nas obras de Austin Zárate, Padre Las Casas, Frei Toribio de Benavente, Francisco Cervantes de Salazar e Pedro Marinho de Lobera. Tendo estes dois últimos estudado, especificamente, o Chile.

Cervantes de Salazar será um dos mais importantes humanistas que escreveu sobre a América, destacando-se seus “Diálogos”, onde descreve a cidade do México e sua crônica: “Crônica de la Nueva Espana” que faria parte da incompleta “Historia general de las Índias”.

Frei Bernardino de Sahagún é mais um exemplo de cronista com fins religiosos, mas que por adotar o modelo pliniano, acaba por manifestar a geografia dos povos indígenas em sua obra “História das coisas da Nova Espanha”. Caracterizou-se também por um intenso esforço em compreender “a cultura dos dominados e, nesse sentido representa um marco essencial no desenvolvimento da Antropologia”.^{XI} Vale salientar que quanto mais se sabe do outro, mais fácil se torna sua subjugação.

O médico naturalista Francisco Hernández é um dos exemplos de humanista que se preocupava em demonstrar o quanto o animado e o inanimado estavam intrinsecamente ligados. Em sua obra “Antigüedades de una Nueva Espana”, realiza uma descrição geral de todas as Índias, com o diferencial de também abordar o México pré-colombiano, contando a história dos povos nahuas da região central do México, de forma amena, clara e simples, além de se dedicar a alguns fatos naturais.

O doutor Juan Cárdenas, em “Problemas y Secretos Maravillosos de Las Índias” (1591), apresenta a geografia ao falar do “local, clima e posição da terra (livro I), dos minerais e plantas (livro II) e das adaptações dos homens ao meio ambiente e dos animais nascidos nas Índias (livro III)”.^{XII}

Depois de pormenorizar autores de diversas peculiaridades, fica clara a visão de mundo renascentista, aberta às surpresas das novas descobertas, juntamente à antiga tradição de se relacionar os fenômenos naturais aos morais. Apesar da perspectiva antropocêntrica de mundo, o homem ainda se vê como a mais perfeita obra criada por Deus e exalta seu nome diversas vezes ao longo das obras acerca do Novo Mundo, acreditando ser sua a tarefa de aprimorar a criação.

Conclusão

Existem autores contemporâneos a nós que não vêem contribuição do descobrimento da América ao conhecimento geográfico moderno, alegando que era preciso haver condições propícias para isto, ou seja um estudo sistematizado que fizesse a geografia se tornar uma ciência de fato, algo que somente aconteceria entre os séculos XVIII e XIX. Então quer dizer que antes deste período nada contribuiu para que se construísse um ambiente propício,



havendo os estudiosos dos séculos XVIII e XIX reunido “magicamente” as condições propícias à Geografia Moderna sem recorrer à obra alguma do passado?

Foi indo de encontro ao radicalismo de Clozier, Stoddert, Sorre e outros geógrafos, que mostramos que a geografia, assim como todas as ciências, sofreu um processo de evolução, onde todas as etapas têm contribuição na formação da geografia hodierna, sendo a descoberta da América um dos capítulos que contribuíram para esta história.

Sendo assim, o objetivo do artigo foi alcançado, ao mostrar alguns “embriões” geográficos existentes no que foi produzido na época do descobrimento da América, acabando por delinear, conseqüentemente, o pensamento da época e contextualizá-lo historicamente. Vale salientar que este assunto não está estanque, podendo ser estudado de forma mais profunda e/ou sob outros prismas.

Notas

^IGraduada em Geografia (UFRJ)

^{II}Graduado em Geografia (UFRJ)

^{III} LECIONI, Sandra. (1990). Região e Geografia. Editora Atlas, p. 62.

^{IV} ZEA, Leopoldo. (1991). El descubrimiento da América y su impacto em la historia. México: Fondo de Cultura Económica, p.71.

^V GREENBLATT, Stephen. (1996). Possessões Maravilhosas. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, p.40.

^{VI} GREENBLATT, Stephen. (1996). Possessões Maravilhosas. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, p.41.

^{VII} CAPEL, Horacio. (1999). O nascimento da ciência moderna e a América. Editora Maringá, p.47.

^{VIII} CAPEL, Horacio. (1999). O nascimento da ciência moderna e a América. Editora Maringá, p.47.

^{IX} ACOSTA, José de. (1590). História Natural y Moral de las Índias. Instituto de Cervantes, p.56.

^X ACOSTA, José de. (1590). História Natural y Moral de las Índias. Instituto de Cervantes, p.43.

^{XI} CAPEL, Horacio. (1999). O nascimento da ciência moderna e a América. Editora Maringá, p.67.

^{XII} CAPEL, Horacio. (1999). O nascimento da ciência moderna e a América. Editora Maringá, p.72.

Referências Bibliográficas



- ACOSTA, José de. **História Natural y Moral de las Índias**. Instituto de Cervantes, 1590.
- CAPEL, Horacio. **O nascimento da ciência moderna e a América**. Editora Maringá, 1999.
- CLOZIER, René. **História da Geografia**. Coleção Saber, 1967.
- GERBI, Antonello. **La naturaleza de las Indias Nuevas: de Cristóbal Colon a Gonzalo Fernández de Oviedo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.
- GOMES, P. C. da Costa. Geografia “Fin-de-Siècle: O Discurso sobre a Ordem Espacial do Mundo e o Fim das Ilusões. Pp. 13-42. In: Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa (organizadores). **Explorações Geográficas: percursos no fim do Século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- LECIONI, Sandra. **Região e Geografia**. Editora Atlas, 1990.
- LOIS, Carla. **Cartografias de um Mundo Nuevo: Las Geografias de Cristóbal Colón**. Terra Brasilis, 2004.
- ZEA, Leopoldo. **El descubrimiento da América y su impacto em la historia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.